

Cia. Suspensa une dança e artes plásticas em seu novo espetáculo, "Enquanto Tecemos", que estreia hoje

Na iminência do encontro

■ JÚLIA GUIMARÃES

Acostumada a criar, literalmente, um pouco acima do chão – por conta da sua pesquisa com o movimento aéreo circense –, a Cia. Suspensa se pautou por um caminho inverso em sua nova criação.

No lugar do detalhado estudo sobre as possibilidades de explorar a gravidade a partir de objetos suspensos, o grupo mergulhou, pela primeira vez, em elementos ditos "teatrais" – como narrativa, enredo e personagem – para conceber o espetáculo "Enquanto Tecemos".

Com estreia hoje, no Teatro Dom Silvério, dentro da programação do Verão Arte Contemporânea, a montagem bebe na clássica obra "Odisséia", de Homero, para falar sobre temas como ausência, solidão e o estado de suspensão motivado por uma espera. Em cena, personagens identificados como "eu", "ela" e "alguém" fazem referência aos arquétipos de Ulisses, Penélope e a deusa Atena, que interfere na vida do casal.

"Nossa movimentação é toda inspirada nas situações e nos personagens do livro, mas o espetáculo não é baseado nele, até porque na "Odisséia", a perspectiva é do Ulisses, e nossa história enfatiza a espera

de Penélope e sua condição solitária", comenta a bailarina Roberta Manata, integrante da Cia. Suspensa.

Sem utilizar texto falado, o espetáculo explora a narrativa a partir de um conjunto de linguagens que une, principalmente, dança e artes plásticas. Em cena, os personagens transitam por diferentes humores e afetos, a partir de movimentos físicos que retratam as proximidades e distâncias possíveis na relação entre duas pessoas.

"Sempre gostei muito da estratégia criada por Penélope de tecer um manto e desfazer a cada noite enquanto espera Ulisses voltar da guerra. Quisemos enfatizar bem essa imagem no espetáculo porque ela nos chama para o fato das coisas não serem nunca tão concretas, porque elas podem ser feitas e desfeitas a todo momento, e no final, o que resta é nossa própria solidão, mesmo quando estamos cercados por outras pessoas", reflete Roberta.

A presença da artista plástica Júlia Panadés no elenco também contribuiu para estabelecer um diálogo mais intenso da Suspensa com as artes plásticas, o que já havia se iniciado no espetáculo "De Pe-

xes e Pássaros", inspirado na obra do pintor Marc Chagall (1887-1985). Desta vez, porém, a linguagem plástica aparece na própria encenação, através de desenhos e textos poéticos projetados ou feitos diretamente em painéis que compõem o cenário. Criados em diálogo com as situações de Penélope, os textos são de autoria da própria Júlia Panadés e da poeta Ana Martins Marques.

"Foi um grande achado trabalhar com a Júlia e com o universo das artes plásticas, pois isso nos ajuda a ampliar nossos limites da criação. Ela mesma enxerga o espetáculo como um livro expandido, uma espécie de 'livro-vivo' que mistura poemas, desenhos e ações. E essa perspectiva nos levou para outros lugares", conta a bailarina.

COLABORATIVO. Inicialmente concebido como um projeto solo de Roberta Manata, o espetáculo incorporou em cena não só a artista Júlia Panadés – que, a princípio, faria apenas a direção de arte da montagem –, mas também o bailarino e ator Sérgio Penna, que teria apenas a função de dirigir o trabalho. Tal imersão dos criadores é fruto da proposta de criar o espetá-

culo em caráter colaborativo – no qual todos os artistas são autores da obra e participam da criação de forma não-hierárquica.

"Durante o processo, naturalmente o Sérgio começou a dançar comigo, afinal de contas, estávamos contando a história de um casal. E a Júlia, como estava super comprometida com o trabalho, lá em todos os ensaios e ficava desenhando as cenas enquanto a gente criava. Então percebemos que o que ela fazia ajudava a contar a narrativa, clareava o entendimento do enredo para o público".

A própria escolha por lidar com aspectos como personagens e enredo na atual criação se conecta ao desejo de estabelecer uma comunicação mais direta com o público. "Para mim, o grande desafio ainda é encontrar a medida certa para acrescentar a leitura do público. Pois claro que é muito interessante ver trabalhos abstratos que nos despertam sensações, mas tenho achado legal ser generoso com público e buscar uma clareza no discurso", relata.

CONTINUA NA PÁGINA 2



Os bailarinos Roberta Manata e Sérgio Penna dividem cena com a performer e artista plástica Júlia Panadés



Artes cênicas

GUITO MUNZ/ATA ILGAÇÃO

Roberta Manata é única integrante da Suspensa na nova montagem

Roberta Manata é única integrante da Suspensa na nova montagem

Grupo recupera elementos de criações anteriores

■ JULIA GUIMARÃES

Embora haja uma distância do espetáculo "Enquanto Tecemos" em relação aos anteriores da Cia. Suspensa — pela ausência de movimentação aérea circense —, a nova montagem do grupo, por outro lado, recupera elementos presentes nas criações anteriores.

Um deles é a própria parceria com o ator e bailarino Sérgio Penna. Logo no espetáculo inaugural da companhia, "Pouco Acima" (2004), Penna foi responsável pela direção do trabalho. Já o interesse por uma segunda dobradinha (Penna dirige e atua no espetáculo) foi motivado pela dupla formação do artista em teatro e dança.

"Temos uma afinidade corporal muito grande com o Sérgio. Ele possui uma característica muito interessante que é a de usar na medida certa a dramaturgia para dar o tom da ação. Seu olhar é muito sensível em relação a esse corpo dramático. E esse é um aspecto que permeia o trabalho de vários outros criadores referenciais para nós, como o grupo inglês DV8 e a Louise Lecavalier", explica Roberta Manata, bailarina e integrante do grupo.

Outro elemento presente no novo espetáculo e base de toda a pesquisa desenvolvida pela Cia. Suspensa é a relação com objetos. Segundo Roberta Manata, esse é um dos elementos mais fortes do novo espetáculo. "A manipulação vai desde o figurino, através dos vesti-

dos que uso em cena até o uso da mesma cadeira que a gente usava no espetáculo "Pouco Acima". Então, nesse aspecto, nossa pesquisa segue uma certa continuidade", observa.

O intuito de estabelecer uma pesquisa a longo prazo reverbera também na abertura da sede da companhia, o C.A.S.A. (Centro de Arte Suspensa Armatrux), atualmente em construção no Vale do Sol, em Nova Lima. Compartilhado com o Grupo de Teatro Armatrux, o espaço deverá abrir suas portas ao público em agosto deste ano. "Já estamos ensaiando lá. E a partir de agosto, a ideia é abrir uma programação no espaço".

Agenda

O QUE: Espetáculo "Enquanto Tecemos", da Cia. Suspensa
QUANDO: De hoje a quarta, às 20h

ONDE: Teatro Dom Silvério (Av. Nossa Senhora do Carmo, 230, São Pedro)

QUANTO: R\$ 14 e R\$ 7 (meia)

Convidados

Sérgio Penna: bailarino, ator e preparador corporal, participou dos espetáculos "Congresso Internacional do Medo" (Espanha) e "Città"

Julia Panadés: Mestre em Artes Visuais na Escola de Belas Artes da UFMG, participa do Grupo Linha, que faz pesquisas em artes plásticas e poesia

NO PALCO

Registros da dança

MARCELLO CASTILHO AVELLAR

Hoje, a programação de dança está agitada no Verão Arte Contemporânea. Três espetáculos estão em cartaz. Abrindo uma curta temporada no evento está *Escapada*, da Cia. Mário Nascimento. E encerrando suas participações estão *Enquanto tecemos* (Cia. Suspensa) e *Blacktronic* (Coletivo Black Horizonte).

Escapada é quase um remake. A versão original foi um dos primeiros trabalhos da Cia. Mário Nascimento, quando ainda operava tendo São Paulo como base, e ajudou a projetar o nome do coreógrafo no Brasil e no exterior. O que está sendo apresentado agora é uma nova composição coreográfica construída a partir do conceito da coreografia de 1998 e de elementos cênicos dela. O espectador vai encontrar uma obra

que tenta fazê-lo perceber sua condição no universo urbano e a alternativa a ela – tema que frequentemente tangencia o trabalho de Mário Nascimento.

Blacktronic, com direção e trilha sonora de Gil Amâncio, também está ligado intimamente às inquietações de seu criador. O espetáculo pretende ter um pé nas próprias raízes negras do Brasil – lida com mitos presentes na cultura afro-brasileira – ao mesmo tempo em que trabalha com a contemporaneidade, com as formas e tecnologias atuais dessa cultura. Gil sempre esteve sintonizado com as questões da cultura negra, mas nunca gostou de vê-las tratadas como se fossem apenas “raízes” ou “tradição”, como se constituíssem um anacronismo, buscando, então, seu estado atual no panorama maior da sociedade brasileira.

Já em *Enquanto tecemos*, a tradição é mera referência, inspiração. Seu ponto de partida foi a *Odisseia*, de Homero. Mas o que está em cena é, na essência, um poema multimídia, construído a partir de elementos variados (dança, palavra escrita, linguagens visuais) em combinações que surpreendem pela maneira como extraem poesia da simplicidade. Podemos tomar como exemplo um duo quase no fim. São elementos coreográficos simples, executados com precisão, mas simples. Mas o jogo entre eles, os desenhos e o texto que uma terceira performer cria no fundo, e a música são daquelas combinações que têm tudo para elevar o espectador, fazê-lo desejar perceber os segredos que se escondem por trás de coisas aparentemente rotineiras.

Chegou a hora de Penélope

O espetáculo *Enquanto tecemos*, da Companhia Suspensa, estreia hoje no festival Verão Arte Contemporânea e apresenta a parceria dos bailarinos Roberta Manata e Sérgio Penna com a artista plástica Julia Panadés. Eles recriam universo da *Odisseia*, de Homero – poema fundamental da literatura ocidental moderna. Em vez de abordar perspectiva do autor, que coloca Ulisses como protagonista, os dilemas de Penélope ganham destaque na abordagem do grupo mineiro.

Idealizadora da proposta que deu origem ao espetáculo, Roberta Manata lembra que a motivação veio das aulas de literatura grega no curso de história da Universidade Federal de Minas Gerais. "Um professor dessa matéria me deixou impressionada com a história da mulher que tece durante o dia e desfaz o trabalho à noite, sempre à espera de Ulisses", comenta. A bailarina amadureceu a ideia depois de superar desafios como a gestação e o nascimento do terceiro filho e um tumor no cérebro, do qual está recuperada.

A espera passa pela constatação de que estamos sozinhos, por mais que a gente se relacione com várias pessoas. Ao mesmo tempo, não sobrevivemos sem a presença do outro. Essa conexão solitária é que dá o sentido de unidade", afirma Roberta. *Enquanto tecemos* foi apresentado em Mariana, em meados de dezembro.

ENQUANTO TECEMOS
Teatro Guan Silveira, Avenida
Nossa Senhora do Carmo, 230,
São Pedro, (71) 3205-8593. De
hoje a quarta-feira, às 20h. R\$ 14
(defeio) e R\$ 7 (meia)